



A importância do Blog como ferramenta de narrativa de vida¹

Allan DINIZ²

Mônica TASSIGNY³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Neste estudo, partiu-se da contribuição teórica de Walter Benjamin sobre a experiência da narrativa. Essa última, por sua vez, foi revisitada como uma ferramenta importante para a reflexão sobre as linguagens contemporâneas no ciberespaço. Por meio de pesquisa bibliográfica, analisou-se um dos fenômenos contemporâneos: os Blogs ou diários on-line. Como conclusão, reforçou-se a tese de que como expressão das narrativas de vida, o blog se constitui como meio de comunicação que se utiliza de técnicas de narrativas ricas e eficazes.

Palavras-chave: Blog; Narrativa; Comunicação; Experiência.

Introdução

Blog, abreviação de *weblog*, é uma página da *web* que tem características de um diário pessoal, ou virtual. Caracteriza-se pela facilidade de acesso, dinamicidade e rápida atualização. A organização é uma característica particular do blog. Os registros ou *posts* são organizados automaticamente por ordem cronológica, ou seja, o último registro aparece em destaque na página. A possibilidade de registro de vídeos, fotos, links e textos sem nenhum conhecimento de programação (basta um conhecimento básico de internet) é uma vantagem sobre um site convencional.

É possível identificar algumas significações genéricas do *weblog*: É um suporte digital *online*, entendendo suporte digital como meio de comunicação na Internet; É caracterizado pela brevidade textual; É um discurso que se apresenta muitas vezes com algumas violações da norma culta; É um discurso marcado pela coloquialidade; É uma página atualizada constantemente e elaborado a partir de um documento pré-moldado,

¹ Trabalho apresentado no IJ 05 – Jornalismo Comunicação Multimídia do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010

² Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UNIFOR, email: allandinizp@hotmail.com

³ Professor orientador: Mônica M. Tassigny. Professora Dra. Titular da UNIFOR. E-mail: monica.tass@gmail.com



que dispõe o material em ordem cronológica reversa (o documento mais recente em cima e o mais antigo no fim).

Os blogs se tornaram populares em 1999. De diário íntimo eles passaram a ser usados também para outros fins: como formas de expressão de modos de vida, como uma nova mídia e, certamente, como meio de comunicação jornalístico, utilizado por jornalistas e profissionais em outras áreas e, ainda, para fins educativos, nos quais grupos de alunos ou de alunos e professores colaboram com o conteúdo.

Para Walter Benjamin, a narrativa é a faculdade de intercambiar experiências. Na sua época, a justificativa do declínio da narrativa deveu-se ao fato das experiências de vida estarem em baixa. No mundo contemporâneo, entretanto, parece-nos que todos tem algo a dizer. O ciberespaço está motivando novas formas de comunicação, entre essas destacam-se os blogs como mediação importante das trocas de experiências de vida.

A partir deste estudo, destacou-se que os blogueiros se enquadram em que o Benjamin considera um bom narrador, pois os posts se aproximam das histórias narradas oralmente, devido à escrita coloquial feita por pessoas comuns, anônimas.

Nestes termos, o *blogueiro* cumpre o papel dos tipos pioneiros de narradores apontados pelo autor em foco: “o campones sedentário” e o “marinheiro comerciante”. Assim como o “camponês sedentário”, os blogueiros elaboram narrativas baseadas em suas experiências vividas e acumuladas. A semelhança do blogueiro com o “marinheiro comerciante” está na distância do local onde a experiência foi vivida de onde está o leitor.

O bom narrador para Benjamin é aquele que sabe dar e receber conselhos, intercambiado por experiências, pois, de acordo com seu pensamento, o bom narrador é também um bom ouvinte. Os blogueiros se enquadram nesse perfil, pois cada *post* é seguido por comentários feitos por aqueles que leram. E através desses comentários é que acontece o intercâmbio de experiências, enriquecendo a narração, se enquadrando mais uma vez no que Benjamin considera uma boa narrativa.

1. O BLOG E O CARÁTER UTILITÁRIO

Segundo Ferreira e Vieira (2007), os blogs pessoais são os mais encontrados na internet, mas existem outros tipos de blogs que ganham status de um canal de



comunicação mais comercial ou de caráter informativo, sendo utilizados em diversas áreas como moda, jornalismo e até estratégia de marketing de empresas.

Para exemplificar alguns desses tipos, destaco novamente as autoras do parágrafo anterior para falar dos blogs de caráter jornalístico.

[...] a Folha Online foi um dos primeiros jornais do Brasil a investir na cobertura jornalística na rede. Na guerra do Kosovo, em 1999, o site passou a publicar os depoimentos que recebia por e-mail já que não tinha correspondente no local. Essa foi a primeira publicação, no Brasil, de conteúdo jornalístico com informações de leitores. O combate em Kosovo foi considerado a ‘guerra da internet’ – primeira grande cobertura *online*. (FERREIRA & VIEIRA, 2007, p. 5)

O blog é considerado uma nova mídia e o mercado de negócios, obviamente, viu nessa mídia mais uma forma de se emancipar: “ Os blogs tomam a função de geradores de negócios” (FERREIRA & VIEIRA, 2007, p. 7)

Em seu artigo, Ferreira e Vieira (2007) citam o caso da *Motorola*, que lançou o *hiper-blog Moto-à-Porter* durante a edição da *São Paulo Fashion Week (janeiro de 2007)*, cobrindo bastidores, desfiles e mostrando curiosidades. Dessa forma, a empresa tinha como objetivo aproximar formadores de opinião e público-alvo, ou seja, buscava uma interatividade entre estes. Foram convidados dez blogueiros internacionais e quatro nacionais para postar informações.

Pode-se falar também dos blogs com caráter de entretenimento: um sucesso atualmente no ciberespaço. Os blogueiros trocam informações de seriados, filmes, games, moda, música e se divertem fazendo isso.

2. BLOGS OU DIÁRIOS VIRTUAIS

O fenômeno de pessoas comuns que começaram a escrever em seus diários virtuais teve início em 1994 (OLIVEIRA, 2006). Apesar da controvérsia em relação à autoria, a americana Carolyn Burke é apontada como a primeira pessoa a manter um diário on-line. Ficou bastante conhecida em 1996, quando participou do projeto, no qual pessoas e instituições, pretendiam fazer a rede mundial de computadores mais humana.

Porém, um caso pioneiro de ousadia foi de outro americano, Justin Allyn Hall (19 anos). Em janeiro de 1994, Hall inaugurou na rede seu diário, passando a fazer dele um livro aberto sobre a própria vida, publicando detalhes: como bebedeiras, doenças sexualmente transmissíveis que contraiu, viagens, namoros, até o suicídio do seu pai.



Além de conter suas experiências vividas cotidianamente narradas com detalhes, seu blog também continha fotos.

Numa complexa operação [...], as matrizes verbal, sonora e plástica se mesclam num processo híbrido, gerando linguagem e comunicação, numa combinação de múltiplas possibilidades, e o internauta vê surgir diante de si uma história gerada pelo meio digital. Imagens que se animam criando um cenário que a qualquer momento pode ser transformado num outro, e num outro mais, ou qualquer outro que salta aos olhos por meio da interatividade que o suporte propõe. (BUSATTO, 2006, p.108)

2.1. A narrativa e os Blogs

Para Benjamim (1987), a narrativa tem origens remotas que correspondem a um tipo de experiência que encontra na modernidade sérias dificuldades: “[...] a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” (BENJAMIN, 1987, p.197-198).

O autor é bastante pessimista com relação à arte de narrar, considerando as escritas como as melhores narrativas, as que são mais próximas das histórias orais contadas por diversos narradores anônimos. Os primeiros narradores seriam exemplificados por dois tipos distintos. O primeiro pelo “camponês sedentário”, que traduzia em relatos a sabedoria prática que haviam acumulado, e o segundo pelo “marinheiro comerciante”, que contava o que tinha visto:

Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário (BENJAMIN, 1987, p.199).

Segundo o mesmo autor, o grande narrador possui suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais. A contribuição popular não pode ser desprezada para o desenvolvimento da narrativa, não no sentido didático, mas na capacidade de propagação e na técnica de prender a atenção dos ouvintes.

Benjamin considera a experiência adquirida por Leskov em seu emprego de agente russo, de uma firma inglesa, de grande utilidade para a sua experiência literária,



pois a serviço da firma viajou pela Rússia enriquecendo suas experiências e deixando traços marcantes em suas narrativas.

No ensaio “O narrador”, Walter Benjamin (1987) faz a relação do nascimento do romance moderno, como gênero, ao declínio da narrativa, independentemente da postura assumida pelos escritores romancistas e atribuindo ao romance o primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa: “O que separa o romance da narrativa [...] é que ele [o romancista] está essencialmente vinculado ao livro. [...] O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa [...] é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta.” (BENJAMIN, 1987, p.201).

O romance é originado, escreve o autor, através do indivíduo isolado que não descreve suas experiências e preocupações, mas que, principalmente, não recebe conselhos nem sabe dá-los, desconsiderando o senso prático, característica nata de muitos narradores, com sua natureza utilitária:

O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento. Quando esses elementos surgiram, a narrativa começou pouco a pouco a tornar-se arcaica; [...] com a consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes – destacou-se uma forma de comunicação [...] Ela é tão estranha à narrativa como o romance. Mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão de informação é decisivamente responsável por esse declínio. (BENJAMIN, 1987, p.202-203).

O texto reflete a prevalência da informação sobre a narrativa, pois os fatos já vêm seguidos de informações, desconsiderando a força da narrativa. Seguindo o pensamento de Benjamin, Bussatto (2006), desconsidera os apresentadores de jornais (rádio ou televisão) como possuidores da arte de narrar, “[...] pois o que eles trazem é uma informação alterada pelas tantas camadas de significações, que roubam do ouvinte qualquer possibilidade de (re)significar o fato.” (BUSSATTO, 2006, p.111)

A informação só funciona enquanto é nova, possui um curto período de valor, enquanto a narrativa não perde a sua força com o tempo, pois essa força está associada à liberdade de interpretação e reflexão que a narração proporciona por gerações seguidas.

Um dos primeiros modelos de narrativa foram os contos de fadas, apresentando características de um trabalho artesanal que se realiza sobre a matéria-prima da experiência e que influencia intermináveis gerações de ouvintes:



O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o narrador de contos de fadas. Esse conto sabia dar um bom conselho, quando ele era difícil de obter, e oferecer sua ajuda, em caso de emergência. [...] O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade, e continua ensinando hoje às crianças [...] (BENJAMIN, 1987, p.215)

Para o crítico supracitado, a narrativa possui certa sabedoria peculiar, que não tem como se expressar adequadamente no romance. Este nos põe diante da questão do “sentido da vida”; a narrativa remete à “moral da história” e essas palavras distinguem entre si o romance da narrativa. A relação entre o narrador e sua matéria, a vida humana, seria a própria relação artesanal.

Assim definido, o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênua de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador, em Leskov como em Hauff, em Poe como em Stenvenson. O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN, 1987, p.221).

Walter Benjamin deixa bem claro o seu fascínio pela narração e a sua relação com a memória e as experiências. Chama a atenção também pelo fato de um bom narrador ser também um bom ouvinte, principalmente, dos relatos dos viajantes que vem de longe, narrando as suas experiências e prendendo os ouvintes a fantásticas narrativas.

A partir destas considerações, pode-se aproximar o Blog como ferramenta de narrativa, principalmente, porque, conforme Araújo (2006), é um suporte digital *online*, entendendo suporte digital como meio de comunicação na Internet; É caracterizado pela brevidade textual; É um discurso que se apresenta muitas vezes com violações da norma culta; É um discurso marcado pela coloquialidade; É uma página atualizada constantemente; É elaborado a partir de um documento pré-moldado, que dispõe o material em ordem cronológica reversa (o documento mais recente em cima e o mais antigo no fim); É um discurso costumeiramente animado em primeira pessoa; Constrói um simulacro de co-participação, exacerbando o papel do leitor co-enunciador (no caso da ferramenta de comentários); Constrói um “modo de ser” blog, ou seja, há um “estilo”



blog de expressão e adota com grande recorrência outros discursos como referência e elabora mecanismos textuais e discursivos para remissão `intertextualidade (*links*).

3. A IMPORTÂNCIA DO BLOG COMO VEICULO DE NARRATIVAS DE VIDA

Em seu artigo Oliveira (2006) faz um breve mapeamento do desenvolvimento dos *blogs*, que para a autora é um dos fenômenos mais importantes da cultura digital contemporânea, destacando alguns testemunhos de guerras publicados em diários on-line.

Um blog de bastante destaque em 2002 foi o do cidadão iraquiano Salam Pax (como ele se intitulava). Seu blog “*Where is Raed?*” foi citado por noticiários de televisões americanas, pois postava de Bagdá, onde dizia morar com a família, descrevendo diariamente o cotidiano da família e dos amigos e suas preocupações com as movimentações do conflito⁴. Apesar da riqueza de detalhes não deixou de ser foco de desconfiança por pessoas que questionavam a originalidade daqueles testemunhos.

Da mesma forma que weblogs se prestaram a testemunhos particulares, fictícios ou não, eles também exerceram na guerra Estados Unidos x Iraque outras centenas de importantes funções. Soldados americanos no Iraque puderam se comunicar com os familiares deixados na cidade de Kansas, no estado do Texas, através do blog especialmente criado para esse fim. (OLIVEIRA, 2006, p.2)

No período entre 1914 e 1918⁵ o mundo viveu uma das mais cruéis experiências da história. Benjamim em seu artigo *Experiência e pobreza* (1987) observou que os combatentes voltavam silenciosos do campo de batalha, mais pobres em experiências comunicáveis. Esse silêncio influenciou na produção dos livros de guerras, que inundaram o mercado, demonstrando uma fraqueza, pois não continham experiências transmissíveis de boca em boca (experiências empíricas, vivenciadas). Como se o silêncio evitasse a propagação de tamanho terror.

Diferente do silêncio dos militares da primeira guerra, relatado por Benjamin, o capitão americano, Eric Rutman, relata em seu blog *Eric war blog*, a sua experiência como o principal líder na área de comunicação das tropas do exército e da marinha no deserto de Doha, no Kuwait⁶. Mas esses exemplos de blogs, criados durante guerras, citados anteriormente, não são casos pioneiros. Em 1999, diários íntimos eram postados

⁴ Guerra entre os Estados Unidos e Iraque.

⁵ Primeira Guerra Mundial.

⁶ Guerra do Golfo



durante a Guerra do Kosovo⁷ inaugurando o uso do ciberespaço para a propagação de experiências íntimas que tinham como plano de fundo a guerra.

Em pouco tempo os diários virtuais no formato blog evoluíram de filtro de notícias para um conceito mais diretamente ligado aos tradicionais diários íntimos, antes trancados a sete chaves [não eram divulgados]. De fato, muitos deles são utilizados como lugar exclusivo onde blogueiro conta o dia-a-dia, faz confissões, desabafos, bem aos moldes do diarismo tradicional (OLIVEIRA, 2006, p. 6).

Um blog de destaque e de iniciativa pessoal criado durante a guerra foi o da jornalista aposentada de Belgrado, Ivanka Besevic, na época com 74 anos, manteve o diário digital *Sisters under siege*⁸ desde o primeiro dia da Guerra do Kosovo. “A dor de Ivanka, dos familiares e amigos durante a guerra pôde atravessar fronteiras e gerar indignações de toda a ordem.[...] a diarista narra os 77 dias em que viveu sob o cerco de bombas, tiros, execuções e atrocidades de toda ordem” (OLIVEIRA, 2006, p 3-4).

O blog de Ivanka é considerado um sucesso, pois escreve sobre sua experiência vivida na guerra, diferente da avalanche de informações que diariamente povoava os noticiários. Se antes os narradores atravessavam as fronteiras contando suas histórias, como os “marinheiros comerciantes” (citado por Benjamin), na modernidade os blogs possibilitam as narrativas atravessarem as fronteiras, assim como as experiências de guerra narradas por Ivanka em seu blog. Seu diferencial era a riqueza da narrativa favorecida pela autoridade de quem viveu a experiência. De acordo com Benjamin a arte de narrar na modernidade é rara:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que o fato já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. (BENJAMIN, 1987, P. 203)

Considerações Finais

Para Benjamin, a narrativa é a faculdade de intercambiar experiências. A justificativa do declínio da narrativa se deve ao fato das experiências de vida estarem em baixa, argumento este ressaltado pelo autor em seu texto “*Experiencia e Pobreza*”.

Os blogueiros se enquadram em que o autor considera um bom narrador, pois os seus posts se aproximam das histórias narradas oralmente, devido à escrita coloquial

⁷ Conflitos armados na província da Sérvia

⁸ Atualmente fora do ar.



feita por pessoas comuns, anônimas. O *blogueiro* cumpre o papel dos tipos pioneiros de narradores apontados por Benjamin: “o campones sedentário” e o “marinheiro comerciante”. Assim como o “campones sedentário”, os blogueiros elaboram narrativas baseadas em suas experiências vividas e acumuladas. A semelhança do blogueiro com o “marinheiro comerciante” está na distancia do local onde a experiência foi vivida de onde está o leitor.

O bom narrador para Benjamin é aquele que sabe dar e receber conselhos, intercambiado por experiências, pois, de acordo com o pensamento do autor, o bom narrador é também um bom ouvinte. Os blogueiros se enquadram nesse perfil, pois cada *post* é seguido por comentários feitos por aqueles que leram. E através desses comentários é que acontece o intercambio de experiências, enriquecendo a narração, se enquadrando mais uma vez no que Benjamin considera uma boa narrativa.

Existem os mais diferentes motivos para manter online a narrativa das próprias vidas; um diário contando experiências vividas em uma guerra, relatos de viagens, confessionais, políticos, educativos, com fins jornalísticos, mercadológicos, enfim, milhares de pessoas encontram justificativas para escrever e publicar em seus diários e isto é um fenômeno mundial.

O blogueiro é um escritor anônimo, porém não é um escritor solitário. É curioso observar como os blogs mantêm a riqueza da narrativa; talvez pela facilidade tecnológica, incentivando as publicações, ou por suprir a necessidade das pessoas externarem sua subjetividade no mundo moderno.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Artur Vasconcellos. **A notícia que é notícia**: o blog jornalístico. In: X Colóquio de Pesquisas Sociossemióticas, 2004, São Paulo, 2004. (Disponível em: http://homer.nuted.edu.ufrgs.br/ObjetosPEAD2006/obj_blog/conceito.pdf Data do acesso: 11/09/2009)

BENJAMIN, Walter (1985). **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 7-19, 115-119 e 165-221.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: Tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

FERREIRA, Aletéia; VIEIRA, Josiany. **A moda dos blogs e sua influência na cibercultura**: do diário virtual aos posts comerciais: E-Compós (Brasília), v. 10, p. 1-14, 2007.



OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **A inclusão digital como promessa de desenvolvimento**: Bahia *Análise & Dados*, v. 1, p. 1, 2006. ; *Meio de divulgação*: Impresso; ISSN/ISBN: 01038117.